

DO AMOR AO TERROR: UMA DISCUSSÃO SOBRE O ADOECIMENTO DAS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

RAYNE PLAMER KOHLER¹;

MARCIA LORENA SAURIN MARTINEZ²:

¹Universidade Federal De Pelotas 1 – raynepk5@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – marcialorenam@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Durante todo o período da minha graduação em pedagogia, trabalhei em escolas particulares, tendo isso como fonte de renda para a minha permanência na universidade. As vivências dentro das escolas contribuíram de forma significativa na construção de relações entre os estudos dentro da universidade e a experiência na sala de aula, tornando o meu olhar mais crítico em relação às lacunas entre a teoria e a realidade da educação infantil. Motivada por essas vivências, o objetivo deste trabalho é discutir e problematizar o conceito de vocação frequentemente associado à profissão docente, especialmente no que se refere à atuação das professoras. Busca-se analisar como esse discurso, muitas vezes romantizado, tem sido historicamente utilizado para legitimar situações de exploração, precarização e desvalorização do trabalho docente. Ao sustentar a ideia de que esse é um trabalho natural feminino, ligado ao cuidado materno, contribui-se para a naturalização de baixos salários, jornadas exaustivas e a desprofissionalização da profissão docente.

Este estudo se ancora em referenciais que aprofundam a compreensão sobre a docência em diferentes dimensões. Lengert (2011) discute a tensão entre vocação e formação, revelando os condicionantes sociais e culturais que influenciam a escolha pela profissão. Vianna (2013) analisa a feminização do magistério e suas implicações para a identidade docente e a desvalorização do trabalho das mulheres nesse campo. Souza e Leite (2011) contribuem ao evidenciar os impactos das condições de trabalho na saúde das professoras da educação básica, incluindo manifestações físicas e psicológicas decorrentes da sobrecarga. Amorim e Navarro (2012) abordam a complexidade da educação infantil, destacando sua centralidade no desenvolvimento integral da criança. Já Nóvoa (2017), complementa a discussão problematizando o papel docente em sua densidade cultural, ética e profissional, reforçando a necessidade de uma formação sólida e ampla. Esse conjunto de referenciais oferece suporte teórico para compreender como as dimensões históricas, sociais e culturais atravessam a prática docente e influenciam diretamente a saúde mental e a valorização profissional das professoras da educação infantil.

2. ATIVIDADES REALIZADAS

O trabalho docente tem sido alvo de muitas polêmicas no que concerne à saúde mental das professoras. Nos deparamos diariamente com notícias, por vezes trágicas, que revelam os efeitos da sobrecarga e da exaustão mental no corpo dessas profissionais. Ao mesmo tempo em que essas notícias invadem os meios de comunicação, parece haver um silêncio avassalador em relação a esse tema.

De acordo com a Organização Internacional do Trabalho, à docência é considerada uma das profissões mais estressantes, sendo inclusive classificada como uma atividade de risco. A partir da exaustão emocional, da despersonalização do profissional e consequentemente a realização profissional reduzida, surge um dos efeitos mais comuns, o Burnout. Mas esse é somente um dos possíveis reflexos da sobrecarga e da exaustão mental vivenciados pelos professores, se levarmos em consideração que grande parte da composição docente das escolas de educação infantil são mulheres, os autores também destacam os efeitos diretos na saúde feminina, tais como amenorreia, tensão pré-menstrual, cefaleia, anorexia, melancolia climatérica, ansiedade e psicose depressiva (Souza e Leite, 2011). Espera-se da professora, dedicação extrema e disponibilidade para atender as famílias independente do horário, dando a entender que isso não é mais do que a obrigação, alimentando o discurso do “trabalho por amor”, como se a paixão pelo que faz bastasse para o bem-estar físico e psicológico dessas docentes.

Estudos discutidos neste texto relatam que, historicamente à docência passou por um processo de feminização, sobretudo na educação básica. Esse fenômeno não se deu por acaso, está relacionado diretamente ao rebaixamento salarial e ao desprestígio social da profissão, fatores que contribuíram para o afastamento do sexo masculino nesse campo. A partir do momento que as mulheres ocuparam esses cargos, os homens foram em busca de cargos superiores, com maior remuneração e mais prestígio (Vianna, 2013). Essa lógica estrutural enraizada, que associa à docência ao sexo feminino, reforça a ideia de vocação, tratando o trabalho docente como uma extensão do cuidado materno. Nesse contexto, o trabalho não acaba quando a professora sai da escola, pois espera-se que ela esteja disponível e comprometida mesmo fora do ambiente escolar. Por isso existem tantos estereótipos quando ao modelo ideal de professora, aquela que quase não tem vida social, é sempre dócil, dedicada integralmente a carreira e que coloca a necessidade dos outros a frente das suas.

Criam-se, então, vários estereótipos sobre homens e mulheres: agressivos e racionais para os primeiros, e dóceis, relacionais e afetivos para as segundas. E, como decorrência, funções como alimentação, maternidade, preservação, educação e cuidado com os outros são mais relacionadas aos corpos e às mentes femininas, ocupando lugar inferior na sociedade quando comparadas às atividades masculinas. (Vianna, 2013, p. 171/172)

Além disso, há uma concepção bastante equivocada de que esse trabalho se resume a assistência, quando, na verdade, lida com uma fase complexa e extremamente decisiva no que tange ao desenvolvimento socioemocional, motor e intelectual desses indivíduos, o que exige um alto grau de comprometimento e responsabilidade dessas profissionais.

A Educação Infantil é uma das mais complexas fases do desenvolvimento humano no que tange aos aspectos de desenvolvimento intelectual, emocional, social e motor da criança, e, por essa razão a escola que oferta

essa modalidade de ensino organizar-se num ambiente estimulante, educativo, seguro e afetivo, com profissionais qualificados para acompanhar as crianças nesse processo de descoberta e conhecimento, propiciando uma base sólida para seu desenvolvimento, formando crianças que consigam desenvolver suas habilidades e competências de modo a aprender a aprender, a pensar, a refletir e a ter autonomia, tornando-as participantes ativos no processo de construção do conhecimento. (Amorin e Navarro, 2012, p. 1)

O olhar social sobre a atuação da professora da Educação Infantil ainda é atravessado por estereótipos profundamente enraizados. Nesse sentido, pesquisas discutidas por Lengert (2011) evidenciam que as motivações para o ingresso no magistério são heterogêneas e atravessadas por condicionantes de ordem social, econômica e cultural. Entre os docentes investigados, identificam-se aqueles que relatam possuir uma inclinação ou “chamado” para o ensino; outros que vinculam a escolha à satisfação pessoal ou ao prestígio social associado à profissão; e, ainda, um contingente expressivo, sobretudo composto por mulheres, que opta pela docência em virtude de afinidade com crianças ou, não raramente, pela escassez de alternativas mais favoráveis no mercado de trabalho. Nesse sentido, o conceito de vocação deixa de ser entendido como uma característica puramente subjetiva ou inata e passa a ser analisado como resultado de um imaginário social. Ou seja, a percepção sobre a profissão docente é construída coletivamente, permeada por valores, representações e expectativas historicamente atribuídas ao professor. Esse imaginário não apenas influencia a autoimagem e a identidade profissional do docente, como também condiciona o modo como as pessoas se aproximam ou se afastam dessa carreira.

Buscando desmistificar a ideia simplista do papel do professor, Nóvoa (2017) aponta para três dimensões fundamentais da docência: a primeira é a densidade cultural, que se refere à importância dos professores possuírem uma formação ampla e aprofundada, capaz de enriquecer o diálogo com os alunos e proporcionar uma aprendizagem mais significativa. A segunda dimensão é a ética, enfatizando o compromisso moral do docente com sua função de formar cidadãos conscientes, críticos e responsáveis. E, por fim, a terceira dimensão aborda o preparo profissional para lidar com contextos de incerteza e imprevisibilidade. Nesse cenário, o professor precisa tomar decisões rápidas e assertivas, o que exige uma formação sólida não apenas técnica, mas também humana, integrando competências emocionais, sociais e profissionais.

A prática docente exige um compromisso constante com o crescimento pessoal e profissional. É preciso cultivar uma bagagem cultural rica, agir com ética e estar preparado para lidar com os imprevistos do dia a dia escolar. Só assim é possível atuar de maneira coerente, sensível e atenta às complexidades da educação, contribuindo de forma significativa para a formação dos alunos e para a construção de um ambiente de aprendizagem mais humano e transformador.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo demonstrou que a saúde mental das professoras da educação infantil é profundamente influenciada por fatores históricos, culturais e estruturais, que extrapolam a esfera individual e subjetiva. O discurso da “vocação”, frequentemente associado ao instinto materno e ao “trabalho por amor”, opera como mecanismo de legitimação de jornadas excessivas, baixos salários e

condições de trabalho precárias, contribuindo para a desprofissionalização da docência e para a invisibilização de sua complexidade pedagógica, intelectual, física e mental.

Conclui-se que a valorização da docência na educação infantil exige romper com concepções romantizadas, reconhecer o caráter profissional e intelectual do trabalho docente e garantir condições dignas de trabalho, remuneração justa e apoio à saúde mental. Somente por meio de mudanças estruturais será possível superar a naturalização da sobrecarga e promover um ambiente educacional mais justo e sustentável.

Espero, como futura pedagoga, que as novas gerações possam olhar para a docência com o mesmo brilho nos olhos que eu tinha na infância, com sede de mudança e um desejo genuíno de fazer mais pela sociedade.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, M. C. S.; NAVARRO, E. C. Afetividade na educação infantil. *Revista Eletrônica Interdisciplinar*, v. 1, n. 7, 2012.

LENGERT, R. Profissionalização docente: entre vocação e formação. *Educação, Ciência e Cultura*, v. 16, n. 2, p. 11–23, 2011.

NÓVOA, A. Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente. *Cadernos de Pesquisa*, v. 47, n. 166, p. 1106–1133, 2017.

SOUZA, A. N.; LEITE, M. P. Condições de trabalho e suas repercussões na saúde dos professores da educação básica no Brasil. *Educação & Sociedade*, v. 32, n. 117, p. 1105–1121, out. 2011.

VIANNA, C. P. A feminização do magistério na educação básica e os desafios para a prática e a identidade coletiva docente. In: YANNOULAS, S. C. (Org.). *Trabalhadoras: análise da feminização das profissões e ocupações*. Brasília, DF: Abaré, 2013. p. 159–180. Disponível em: <http://www.producao.usp.br/handle/BDPI/44242>. Acesso em: 16 ago. 2025.